

## JUVENTUDE E CLASSE

Jesus de Nazaré de Lima da Costa<sup>1</sup>

Maria José Aviz do Rosário<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente artigo apresenta um debate teórico sobre questões que norteia os conceitos de juventude e classe numa perspectiva paraense. Pois discutir juventude no contexto da realidade amazônica, nos leva a pensar em torno do conceito de Classe e, inevitavelmente, a relação Juventude e Classe. Isso se deve ao fato da juventude de comunidades populares viverem em uma realidade marcada por contrastes sociais, com peculiaridades próprias e profundas desigualdades sociais. A realidade e singularidades da juventude paraense circundam as margens de uma região periférica, de um país capitalista também periférico.

Palavras-chave: Juventudes. Classe. Educação. Desigualdades Sociais.

### Abstract:

This article presents a theoretical debate on issues that guide the concepts of youth and class in a paraense perspective. For discussing youth in the context of the Amazonian reality leads us to think about the concept of Class and, inevitably, the relationship Youth and Class. This is due to the fact that the youth of popular communities live in a reality marked by social contrasts, with their own peculiarities and deep social inequalities. The reality and singularities of Pará youth surround the margins of a peripheral region, a capitalist country and also a peripheral one.

Keywords: Youth, Classes, Education, Social Inequalities.

O presente artigo apresenta um debate sobre questões que norteia juventude e classe numa perspectiva paraense. Pois discutir juventude no contexto da realidade amazônica, nos leva a pensar em torno do conceito de Classe e, inevitavelmente, a relação Juventude e Classe. Isso se deve ao fato da juventude de comunidades populares viverem em uma realidade marcada por contrastes sociais, com peculiaridades próprias e profundas desigualdades

---

1. <sup>1</sup> Mestre em Educação. Professor da rede Municipal do Município do Acará/PA.

<sup>2</sup> Professora na Universidade Federal do Pará/NEB/PPEB.



sociais. A realidade e singularidades da juventude paraense circundam às margens de uma região periférica, de um país capitalista também periférico, com grandes problemas estruturais e conjecturais da realidade social amazônica (ALVES; ARAÚJO, 2017).

Deste modo, os problemas micros e macros estruturais e conjecturais da realidade amazônica tendem impactar diretamente o modo de vida dos jovens dessa região do país, uma vez que a condição social tende influenciar nos projetos e sonhos de parte dessa camada social da população brasileira, ou seja, na realidade de jovens filhos de trabalhadores, ou melhor, da classe operária uma vez que tais posições de classe são definidas social e historicamente onde, segundo Ianni (1968, p. 240 *apud* SILVA, 2008, p. 272):

o jovem não é visto abstratamente, desvinculado do universo econômico e sócio-cultural em que se produz, mas exatamente em conexão com esse universo, conforme ele afeta a consciência da situação da própria pessoa, da classe social e da sociedade global.

O jovem vive as questões econômicas e socioculturais, pelo fato de estar presente e atuante na sociedade, entretanto, não é ele objeto das questões econômicas e culturais, pelo contrário, ao tratamos da juventude de comunidades populares, infere-se que estes jovens são alijados desses bens produzidos por homens e mulheres ao longo dos séculos. Mas isso não quer dizer que estes jovens não tenham consciência da sua própria condição social e não criem alternativas culturais emergidas de sua própria realidade. O universo cultural da juventude de comunidades populares é vasto e rico, uma vez que ele cria e recria, conforme condições existentes. Nas palavras de Silva (2008, p. 272), “o homem faz-se a si mesmo, em certo contexto, sob certas condições e com diferentes perspectivas”.

Neste sentido, o jovem que vive a realidade das comunidades populares, enfrenta diariamente as segregações e divisões de classes, criadas e mantidas pelo sistema capitalista que exclui e segrega. Entender a juventude e a classe é compreender as categorias que as permeiam.

O conceito de Classe é de fundamental importância na filosofia Marxista para entender as relações sociais a partir do advento do capitalismo, do



mesmo modo, a relevância desse termo se deve ao fato de, neste conceito, está cunhada a ideia de divisão entre proletariado e burguesia, ou seja, classe dominante e classe dominada. Mostrando a fase embrionária do capitalismo, e as lutas de classe das sociedades modernas, Marx e Engels na abertura do Manifesto do Partido Comunista (2006, p. 84) afirmam que “A história de todas as sociedades que existiram até hoje tem sido a história das lutas de classes”.

Neste sentido, as sociedades são marcadas por forças e lutas entre dominados e dominantes, em que as lutas são eminentes. Vale lembrar que:

o conceito de classe tem uma importância capital na teoria marxista, conquanto nem Marx nem Engels jamais o tenham formulado de maneira sistemática. Num certo sentido, ele foi o ponto de partida de toda a teoria de Marx, pois foi a descoberta do proletariado como “a ideia no próprio real” – uma nova força política engajada em uma luta pela emancipação – que fez Marx voltar-se diretamente para a análise da estrutura econômica das sociedades modernas e de seu processo de desenvolvimento (BOTTOMORE, 2001, p. 61).

A ideia de classe para Marx está associada às posições que os sujeitos ocupam na sociedade. Soeiro, Ferreira e Mineiro (2012), destacam que estas posições sociais estão ligadas aos meios de produção, revelando-se na divisão da sociedade. Por um lado, o proletariado é que emprega a força do trabalho disponibilizada pelos meios de produção controlados pela burguesia. Deste modo, pontuam os autores que a relação de classes é antagônica e conflitante ratificada na posse ou dependência dos meios de produção.

E assim, clarificar a relação entre classes e no resulta esta relação, vale, então:

Ter em conta a diversidade de recursos e capitais permite tomar a grelha das classes como fonte de questionamento das múltiplas desigualdades. Proporciona, ainda, uma visão sobre a pobreza da juventude e sobre as suas desigualdades de classe que contraria a visão homogeneizante de uma “classe geracional”, chamando a atenção para a presença de várias situações que fazem com que diferentes juventudes estejam em condições desiguais no que toca ao trabalho e ao rendimento (SOEIRO; FERREIRA; MINEIRO, 2012, p. 19).

Os jovens das camadas populares que estão nessa situação de desigualdade social são em maioria, jovens que vivem uma realidade diversa em relação ao trabalho, educação e acesso à cultura, por exemplo. As origens



das desigualdades são reflexos da má distribuição da renda entre a população brasileira, deste modo, tais fatores contribuem para ratificar a existência de grupos vulneráveis de maneira social, cultural e política, levando a existência de realidades diferentes em um espaço, a exemplo, o Bairro da Terra Firme.

Na obra *Ideologia Alemã*, fica nítido o conceito de classe dominante, definindo-a como aquela que detém toda força material de uma sociedade:

As ideias da classe dominante são, em qualquer época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material tem controle sobre os meios da produção intelectual (MARX, ENGELS, 2007, p. 47).

Para Bottomore (2001) a expressão classe dominante expressa dois sentidos importantes para Marx e Engels. Primeiro que este conceito remete à compreensão da existência de um grupo dominante em função da posição econômica, que por sua vez, domina todos os aspectos da vida, das relações sociais e intelectual, uma vez que, quem domina os meios de produção também detém o poder sobre a produção intelectual ou influência. Isto é, impõe as ideias dominantes por possuir a força material e intelectual, por dispor dos meios de produção intelectual.

Um segundo aspecto levantado pelo autor, é a dominação dessa classe dominante do Estado, pois, para manter e reproduzir os modos de produção e as formas de sociedades existentes, ela precisa ter o controle do Estado.

Assim, a relação existente entre classes evidencia que:

a burguesia, a partir do estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda classe burguesa. (MARX; ENGELS, 2006, p. 86).

Nesta perspectiva, a classe dominante para Marx e Engels por meio do poder e influência sobre o Estado acaba por dominar politicamente o Estado. Deste modo, este torna-se subalterno aos interesses da classe dominante, como por exemplo, a educação. Uma educação que sirva aos interesses da



burguesia e não dos trabalhadores. Por esta razão, para Marx e Engels, o surgimento das classes está diretamente ligado às origens das sociedades capitalistas. Pois, pelo controle dos meios de produção, as classes dominantes influenciam em todos meios sociais da sociedade, essa hegemonia concretizara-se por meio da educação.

Assim,

desde o princípio viu-se que o ensino podia converter-se em um dos meios fundamentais de dominação ideológica e, portanto, em um instrumento essencial para alcançar e consolidar a hegemonia da classe no poder. O estado de classe estava intimamente ligado ao ensino de classe. Ainda que não sem tensões, o aparato escolar se convertia em um apêndice da classe dominante. As instituições tradicionais da sociedade pré-capitalista europeia, a família, o grêmio, a Igreja, entram em decadência e algumas - o grêmio - desaparecem (LOMBARDI, 2011, p. 17).

Destaca-se, neste sentido, a dualidade existente advinda da divisão social do trabalho e da divisão social do conhecimento. Assim como sua relação com a educação da classe trabalhadora, e de seus filhos. A divisão radical entre os tipos de trabalho e de conhecimento, ou seja, os tipos de aprendizagem disponíveis a cada sujeito constituído historicamente, numa sociedade dividida em classes.

Essa relação dual atinge diretamente o processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. Assim sendo, compreende-se a divisão social do trabalho, a forma como as sociedades ao longo da história organizaram e distribuem o trabalho entre seus pares.

Ainda, aprofundando-se nesta forma de trato da relação entre classes alinhavadas na produção material e do conhecimento, merece-se destacar que

A divisão do trabalho é, historicamente, exigida pelo processo do trabalho manufatureiro ou industrial. O desenvolvimento da máquina incorpora a esta a habilidade do ofício e os conhecimentos que antes residiam no - e eram possessão do - trabalhador. Desta forma, a ciência e os conhecimentos passam a ser propriedade do capital, e o trabalhador se encontra enfrentando-os (LOMBARDI, 2011, p. 09).

Assim, há existência de dualidade educacional, ou seja, a voltada para a dominação e transmissão do conhecimento da classe burguesa, e a outra



para as camadas populares, uma vez que a educação dada aos filhos e filhas dos trabalhadores é a educação para o trabalho e consolidação de um sistema de dominação, acentuada pela divisão de classes.

Ao considerar-se tal assertiva, compreende-se que a formação do jovem está intimamente ligada à concepção de classe. Conforme acentua Corti (2014, p. 324) “Os alunos constroem sentidos a partir de sua *situação de classe*, raça, gênero, orientação sexual, religião e situação familiar”. Nesta perspectiva, os jovens das camadas populares formam-se e constroem-se a partir de uma lógica de classe. Não no sentido de uma classe já dada, mas no sentido de uma constante construção, ou seja, de uma relação social histórica.

Os jovens das comunidades populares, aqueles jovens que estudam e trabalham para auxiliar ou manter suas famílias financeiramente, são sujeitos moldados por uma lógica do capital, que é a lógica do trabalho. Quando um jovem fala em trabalho, está pensando na possibilidade de ascensão social como possibilidade de sobrevivência.

Este resultado é fruto das desigualdades existentes na sociedade motivadas pela má distribuição de riquezas e bens materiais a jovens das camadas populares. Ao analisar esse contexto, compreende-se o jovem como resultado de construção histórica, conforme cada período histórico. Assim, quando se fala de jovens das camadas populares, se está falando de uma juventude que em maioria, trabalha e estuda.

Para ratificar essa ideia de uma parcela da juventude que estuda e trabalha, citamos fato ocorrido em dois momentos de ida à escola para a coleta das entrevistas: encontro de uma jovem que foi à escola deixar um trabalho escolar.

Ao se trabalhar neste estudo a ideia de juventude e classe, recorre-se a compreensão de juventude como uma categoria social, que na perspectiva de Groppo (2004), a juventude é vista como uma categoria social, sendo que está intimamente ligada a uma concepção que classifica, normatiza comportamento e define direitos e deveres. Essa concepção paira em duas vertentes, uma é o imaginário social e a outra é a rede de sociabilidade.

Assim sendo, a juventude diverge de um processo natural, tal como escreve Groppo (2004, p. 11):



Juventude é, sobretudo, uma categoria social e não uma característica natural do indivíduo. Na modernidade, a juventude tende a ser uma categoria social derivada da interpretação sócio-cultural dos significados da puberdade, este sim, um fenômeno natural e universal que, no entanto, pode adquirir pouca importância conforme a sociedade em que ocorre.

Ao relacionar juventude e classe caminha-se para a importância da relação entre essas categorias, para Groppo, na análise social e histórica é necessário abordar o conceito de juventude com outras categorias sociais, como classe, nacionalidade e etc. Pois, ao fazer o entrelace entre a juventude com outras categorias sociais, como por exemplo, classe, pode-se inferir que não existe juventude, e sim juventudes no sentido da multiplicidade e diversidade. Por esta ótica, não uma juventude no singular, ou seja, única. Mas, pelo contrário, uma pluralidade de juventudes.

E, sobre isso, cabe entender então, que as juventudes são:

[...] contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (*origem de classe (grifo nosso)* e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares, etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição das diferentes modalidades de se vivenciar a juventude. Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural em que se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente (CARRANO; DAYRELL, 2013, p. 15).

É necessário, atentar-se para não reduzir o conceito de juventude a uma passagem. E assim, afirmar a ideia de que a juventude constitui um momento determinado, assumindo importância em cada período histórico, em cada época, e em cada sociedade.

De acordo Carrano e Dayerll (2014) é nessa dinâmica que o indivíduo (o jovem) vai se descobrindo e revelando as múltiplas possibilidades e inserção social em todas as esferas da vida. Logo, quando se trata a relação juventude





e classe e a relação educacional, entende-se que a elite não preza por um sistema educacional para as camadas populares.

Segundo Frigotto (2008, p. 19):

à burguesia brasileira nunca se colocou de fato o projeto de uma escolaridade básica e formação técnico-profissional, como direito social e subjetivo para a maioria dos trabalhadores e para prepará-los para o trabalho complexo que a tornasse, enquanto classe detentora do capital, em condições de concorrer com o capitalismo central.

Assim, na lógica do capital, a juventude das camadas populares é vista como futura mão de obra barata para a indústria, ou melhor, para o trabalho subalterno, uma vez que a educação da elite formará os seus (também jovens) para os postos de mando, nesta lógica de produção.

Tão logo, buscar compreender essa relação dual, possibilita inferir com é possível uma lógica de segregação dentro de um sistema educacional que deveria possibilitar educação para todos, indistintamente.

Deste modo, em variadas faces, a educação serve ao interesse da classe dominante. Assim sendo, destacamos o porquê, trabalha-se essa relação juventude e classe. Onde a ideia é evidenciar, entre outras coisas:

[...] sujeitos sem rosto, sem história sem origem de classe ou fração de classe. Os sujeitos a que nos referimos são predominantemente jovens e, em menor número, adultos, de classe popular, filhos de trabalhadores assalariados ou que produzem a vida de forma precária por conta própria, do campo e da cidade, de regiões diversas e com particularidades socioculturais e étnicas (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2004, p. 57).

Portanto, os jovens das camadas populares na maioria são sujeitos alijados direitos fundamentais, como o direito a uma educação de qualidade e acesso aos bens produzidos historicamente por mulheres e homens ao longo da história. Onde só com o acesso a esses bens é possível uma mudança na lógica da relação de classe, entre o dominante e o dominado, pois a juventude da classe trabalhadora torna-se, no sistema capitalista, desprovida de seus próprios direitos ora garantidos na Constituição Federal.





**Referência.**

ALVES, João Paulo da Conceição; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Abordagens sobre a condição de Classe das Juventudes no Estado Do Pará. **B. Téc. Senac**, Rio de Janeiro, v.43, n. 1, p. 234-255, jan./abr. 2017. Disponível em: <[www.bts.senac.br/index.php/btsarticle/view/414/376](http://www.bts.senac.br/index.php/btsarticle/view/414/376)>. Acesso em: **25 de mar. 2017.**

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez (orgs). Brasil. MEC. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio**, etapa I - caderno II: O Jovem como sujeito do Ensino Médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **Ensino médio ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Projeto societário, ensino médio integrado e educação profissional: o paradoxo da falta e sobra de jovens qualificados. **In:** O Ensino Médio Integrado à Educação Profissional: concepções e construções a partir da implantação na Rede Pública Estadual do Paraná. Curitiba: SEED/PR, 2008. P.15-35.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LOMBARDI, José Claudinei. **Textos sobre Educação e Ensino**. Karl Marx e Friedrich Engels. Campinas, São Paulo: Navegando, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Michel Goulart. Juventude, marxismo e revolução. **Mosaico Social – Ano IV – n. 4**. Florianópolis, 2008.

SOEIRO José; FERREIRA, Ricardo Sá; MINEIRO, João. Juventude, precariedade e desigualdades: as classes contra o fim da história », **Revista Angolana de Sociologia**. Disponível em: <<http://ras.revues.org/198>>; DOI: 10.4000/ras.198.>. Acesso em: 03 Novembro 2017.

